



Para imprimir este artigo clique no ícone de impressão ou tecele Ctrl-P



19/12/2005

Entendendo a síndrome da morte do capim-marandu



Moacyr B. Dias Filho

Eng. Agrônomo, Ph.D. em Ecofisiologia Vegetal pela Cornell University, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental

Nos últimos anos, tem crescido a apreensão de pecuaristas e técnicos nas regiões Norte e Centro-Oeste do País com respeito a síndrome da morte do capim-marandu (*Brachiaria brizantha* cv. Marandu). Esse fenômeno tem afetado pastagens no Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, estados que abrigam cerca de 42% das áreas de pastagens e 35% do rebanho bovino nacional (Dias-Filho & Andrade, 2005; IBGE, 2005).

O problema tem sido particularmente grave no Acre, onde já é uma das principais causas de degradação de pastagens naquele estado (Dias-Filho & Andrade, 2005). No nordeste e sul do Pará e norte do Tocantins, a síndrome da morte do capim-marandu, também, já atinge proporções preocupantes.

Essa síndrome manifesta-se durante a época chuvosa, principalmente em áreas que apresentam solos com drenagem deficiente, situadas em regiões com períodos chuvosos intensos e com altas temperaturas e níveis de umidade do ar (Dias-Filho, 2005a; b; c).

Inicialmente, aparece em áreas isoladas (manchas ou reboleiras), expandindo-se, posteriormente, para o restante da pastagem. As plantas atingidas por esse problema, normalmente morrem, adquirindo aspecto de "fenadas".

De 6 a 7 de dezembro de 2005, em Cuiabá, MT, a síndrome da morte do capim-marandu foi tema de um workshop pioneiro, organizado pela Embrapa Gado de Corte. Nesse evento científico, sete especialistas de quatro unidades de pesquisa da Embrapa e da Universidade Federal Rural de Pernambuco, apresentaram palestras, sobre assuntos ligados ao problema, para um público formado por pecuaristas, pesquisadores, técnicos, professores e estudantes.

Resultados de estudos morfofisiológicos apresentados durante o evento (Dias-Filho, 2005c), mostraram que a síndrome da morte do capim-marandu teria a sua origem a partir de alterações fisiológicas e morfológicas sofridas por esse capim, quando exposto a períodos de excesso de água no solo.

Essas alterações, afetariam o metabolismo do capim-marandu, tornando-o mais suscetível a ataques oportunistas de fungos patogênicos, os quais, em condições normais, não seriam capazes de causar danos sérios à planta.

Assim, a exposição do capim-marandu ao excesso de água no solo, mesmo que por curtos períodos de tempo, poderia aumentar a sua predisposição para infecções, ou mesmo causar regeneração insuficiente das raízes já infectadas por patógenos, ou outros agentes bióticos.

Por outro lado, seria possível supor que estresses adicionais, como o superpastejo e os baixos níveis de determinados nutrientes no solo, como o fósforo e o potássio, devido à influência que teriam no comportamento morfofisiológico da planta e particularmente das raízes, poderiam agir sinergicamente para potencializar os efeitos causados pela síndrome da morte do capim-marandu.

No momento, a alternativa recomendada para lidar com o problema é a substituição do capim-marandu, nas áreas já afetadas e áreas de risco, por capins relativamente mais tolerantes a solos com drenagem deficiente (Andrade et al. 2005; Dias-Filho, 2005a; b), evitando, assim, a monocultura dessa gramínea.

A síndrome da morte do capim-marandu, além de ser um desafio agrônomo para pesquisadores, técnicos e pecuaristas, constitui-se, também, em um alerta para o perigo da monocultura.

Cabe a pesquisa, a busca constante de alternativas forrageiras para diversificar as pastagens, enquanto que pecuaristas e técnicos devem ver na diversificação das pastagens uma forma inteligente de planejamento estratégico, que resguardaria a propriedade rural contra eventuais fatalidades biológicas dessa natureza.

Literatura citada

ANDRADE, C.M.S de; VALENTIM, J.F. Soluções tecnológicas para a síndrome da morte do capim-marandu. In: WORKSHOP "MORTE DE CAPIM-MARANDU", 2005. Cuiabá: Embrapa Gado de Corte, 2005. 1 CD-ROM.

DIAS-FILHO, M.B. Degradação de pastagens: processos, causas e estratégias de recuperação. 2. ed. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2005a. 173p.

DIAS-FILHO, M.B. Opções forrageiras para áreas sujeitas a inundação ou alagamento temporário. In: PEDREIRA, C.G.S.; MOURA, J.C. de; DA SILVA, S.C.; FARIA, V.P. de (Ed.). 22o Simpósio sobre manejo de pastagem. Teoria e prática da produção animal em pastagens. Piracicaba: FEALQ, 2005b, p.71-93.

DIAS-FILHO, M.B. Respostas morfofisiológicas de *Brachiaria* spp. ao alagamento do solo e a síndrome da morte do capim-marandu. In: WORKSHOP "MORTE DE CAPIM-MARANDU", 2005. Cuiabá: Embrapa Gado de Corte, 2005c. 1 CD-ROM.

DIAS-FILHO, M.B.; ANDRADE, C.M.S de. Pastagens no ecossistema do trópico úmido. In: SIMPÓSIO SOBRE PASTAGENS NOS ECOSSISTEMAS BRASILEIROS, 2, 2005, Goiânia, Anais.Goiânia: SBZ. p. 95-104.

IBGE. Produção da pecuária municipal, Rio de Janeiro: IBGE, v. 32, p.1-35, 2005.

Moacyr B. Dias Filho é Engenheiro Agrônomo, M.Sc. em Pastagens pela ESALQ/USP, Ph.D. em Ecofisiologia Vegetal pela Cornell University e pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, Belém, PA

Texto reproduzido do site BeefPoint - www.beefpoint.com.br